



Como você pode verificar no mapa da América Latina, a espacialização dessas fronteiras é feita por meio de linhas que definem os territórios dos diversos países existentes na atualidade.

A divisão territorial dentro de um país é definida de diversas formas, a depender dos critérios definidos pelo seu governo. Há fronteiras internas que dividem regiões, estados e municípios (fronteiras administrativas, departamentos, províncias e municípios). Há fronteiras que cada país define a sua divisão territorial de acordo com a sua cultura e compreensão do território.

Os indivíduos que formam um povo são em comum aspectos culturais, como: língua nacional, religião, história, cultura, entre outros. Podemos, no entanto, encontrar em alguns países, sociedades de madas por povos de diferentes culturas como no caso dos povos indígenas da Índia, da China, da Rússia, entre outros. Há extensões territoriais que ao longo de sua história passaram para outros povos. São as chamadas sociedades "multiculturais", mas que vivem sob a influência de um poder político central.



Filosofia da arte e arte no mundo transformado

Fascículo 3
Unidade 6

Filosofia da arte e arte no mundo transformado

Para início de conversa

Tivemos a oportunidade de acompanhar, na unidade anterior, o surgimento e o desenvolvimento histórico do pensamento estético em quatro importantes momentos. Ou seja, percorremos os caminhos das reflexões tradicionais sobre o lugar da arte em nossas possibilidades de compreensão do modo de ser das coisas, da realidade, da vida. O que faremos agora é dar um passo adiante e investigar em que medida a obra de arte torna possível uma visão do mundo em jogo na obra.

Uma obra de arte é sempre expressão de seu tempo. Por meio de um quadro de Picasso, de um livro de Machado de Assis, de uma peça musical de Villa-Lobos, temos a chance de encontrar o mundo de cada um desses artistas. Não porque eles nos falam diretamente sobre esse mundo ou porque esse mundo funcionaria como um cenário fixo no qual suas obras se mostrariam. Ao contrário, isso acontece porque é o mundo mesmo da obra que torna possível a atividade artística, uma vez que é sempre esse mundo que fala através das muitas vozes da obra.

Com isso, saímos do âmbito da estética enquanto uma tentativa de pensar o belo na arte ou o que acontece com aquele que se acha diante de uma obra de arte bela para nos movimentarmos em um campo que já se achava até certo ponto indicado na filosofia de Nietzsche. Nós nos movemos agora no âmbito de uma filosofia da arte, uma vez que a arte passa a ser considerada como o espaço de realização do espírito vivo de uma época, como chave para a compreensão da própria vida.

Bem, mas para que possamos perceber a ligação entre a obra e seu tempo, é importante ter, antes de tudo, clareza quanto ao lugar propriamente dito da obra de arte, quanto ao horizonte mesmo da atividade criadora. É isso o que faremos nesta unidade. É isso o que nos espera aqui.

Objetivos de aprendizagem:

- Compreender o sentido da noção de espírito de época e sua importância para uma filosofia da arte;
- Identificar o caráter de expressão de tudo aquilo que acontece em uma época e perceber o tom mais acentuado da arte como expressão;
- Ver a relação entre a arte e a determinação do espírito de uma época;
- Ter clareza quanto à ligação essencial entre arte clássica, elogio incondicionado da razão e pensamento moderno;
- Reconhecer os elementos de crise do mundo moderno e suas repercussões sobre a arte: crise da razão e revolução;
- Ver o mundo contemporâneo como o mundo da liberdade na arte: criação e liberdade.



Figura 1: Quadro de Eugene Delacroix – 1830: A liberdade guia o povo.

Seção 1

A arte e sua relação com o espírito de época

A noção de espírito de época é tem grande importância para a filosofia da arte e para tudo aquilo que vamos ver durante esta unidade. Bem, mas o que é propriamente um espírito de época? Dito de maneira direta, um espírito de época é um nexos (um estilo) que atravessa todos os fenômenos de uma época, dando a esses fenômenos a sua unidade, melhor ainda, a sua identidade fundamental. Vejamos o que nos diz o pensador alemão Wilhelm Dilthey sobre uma tal unidade em sua obra *Introdução às ciências humanas*:

“A vida é a plenitude, a multiplicidade, a ação recíproca daquilo que é uniforme em tudo o que os indivíduos vivenciam. Segundo a sua matéria-prima, ela forma uma unidade com a história. Em todos os pontos da história há vida. E a história é constituída a partir de todos os tipos de vida nas mais diversas relações. A história é apenas a vida apreendida sob o ponto de vista do todo da humanidade, um todo que forma uma conexão” (DILTHEY, W., p. 116).

Por mais que se tenha dificuldade de entender, a princípio, a passagem do texto de Dilthey, o que ela nos diz pode ser definido em alguns elementos centrais:

1. Em todo e qualquer momento vital, nós temos uma multiplicidade, uma pluralidade de elementos. Nunca há em um mundo apenas um conjunto pequeno de características, mas uma grande quantidade de elementos. Pensemos no Brasil, por exemplo! O que é o Brasil? É certamente mais do que futebol e carnaval. É a diversidade que se experimenta nos rostos de cada parte do país, é a peculiaridade dos acentos regionais, é a diferença de mentalidades entre o interior e as capitais, entre as cidades pequenas e grandes, entre ricos e pobres, homens e mulheres.
2. Mas a vida não é só multiplicidade, diversidade. Ela é também unidade. Há uma conexão entre as muitas manifestações de uma época, de tal modo que, se pararmos para olhar bem para essas manifestações diversas, acabaremos encontrando a unidade. Por mais diferentes que sejam os brasileiros e os costumes e hábitos de nosso país, há algo aqui que nos une. Todos os fenômenos de nosso tempo compõem um único Brasil.
3. Esta unidade não é eterna, nem dada de antemão. Ao contrário, ela se constitui muito mais historicamente. É a história que vai gerando e transformando as unidades que formam o “espírito de uma época”.



Figura 2: Roda de capoeira nas ruas.



Figura 3: Tradição germânica no Sul do Brasil – Oktoberfest



Figura 4: Religiosidade mineira – Obra do mestre Ataíde – Abóboda da Igreja de São Francisco de Assis – Ouro Preto

Bem, mas qual é o lugar da arte para a determinação do espírito de uma época?

De alguma forma, tudo o que acontece é expressão de seu tempo. O modo como gesticulamos, o timbre de nossas vozes, o modo mais ou menos formal com que falamos: tudo isso fala sobre a nossa época. A arte, contudo, não é apenas uma expressão entre outras, ela possui um lugar privilegiado na determinação do espírito de uma época. Bem, mas que tal você mesmo tentar encontrar elementos na arte que falem sobre o tempo em que a obra de arte foi feita?

Identifique características de época a partir dos exemplos a seguir. Siga o modelo!



Acorda, amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição
Era a dura, numa muito escura viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá
Chame, chame o ladrão, chame o ladrão.

(Música de Chico Buarque de Holanda)



A música fala de maneira bem sutil da situação das pessoas no interior da ditadura militar no Brasil. O sonho descreve a situação de uma pessoa que imagina a presença de uma viatura dos órgãos de repressão, viatura essa que estaria esperando lá fora não para roubar a casa, mas para levar algum subversivo preso. Assim, sem qualquer direito enquanto cidadão, o único recurso parece ser chamar o ladrão.





- a. Identifique os elementos de crítica à televisão, o tom específico da letra e o que ela está falando sobre a juventude brasileira da década de 1980:



Geração coca-cola – Música do grupo Legião Urbana – 1985

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês
Nos empurraram com os enlatados
Dos U.S.A., de nove às seis.
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.



- b. Observe o quadro do pintor romântico brasileiro Vitor Meirelles. Observe-o bem e veja como ele nos fala muito sobre o modo como, na época de Meirelles, se pensava a ligação entre os brancos e os índios. Siga algumas perguntas orientadoras: respeita-se nesse quadro a identidade cultural do índio? Há traços europeus nos rostos dos índios? Músculos fortes, ares de bravura, corpos bem torneados das mulheres? Você consegue ver algum nu explícito? O que isso significa?



- c. Qual a imagem da mulher que nasce do trecho da letra de Vinícius de Moraes para a música “Samba da benção”? Essa imagem é compatível com a revolução feminina e com as conquistas da mulher no Brasil contemporâneo? O que isso nos fala sobre o tempo de Vinícius? Esse era o único modelo de mulher existente? Leia um pouco mais sobre Leila Diniz no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Leila_Diniz.



“Samba da benção”, de Vinícius de Moraes e Baden Powell – 1968

“Uma mulher tem que ter
Qualquer coisa além de beleza
Qualquer coisa de triste
Qualquer coisa que chora
Qualquer coisa que sente saudade
Um molejo de amor machucado
Uma beleza que vem da tristeza
De se saber mulher
Feita apenas para amar
Para sofrer pelo seu amor
E pra ser só perdão.



Atividade
1



Figura: Foto famosa de Leila Diniz na década de 1960, nua e grávida – essa foto provocou grande escândalo na época.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 2

Arte, pensamento e razão – a relação entre a arte e o projeto da racionalidade moderna

Começemos com uma pequena passagem de um dos textos que inauguram a Modernidade: *O discurso do método*, de René Descartes.



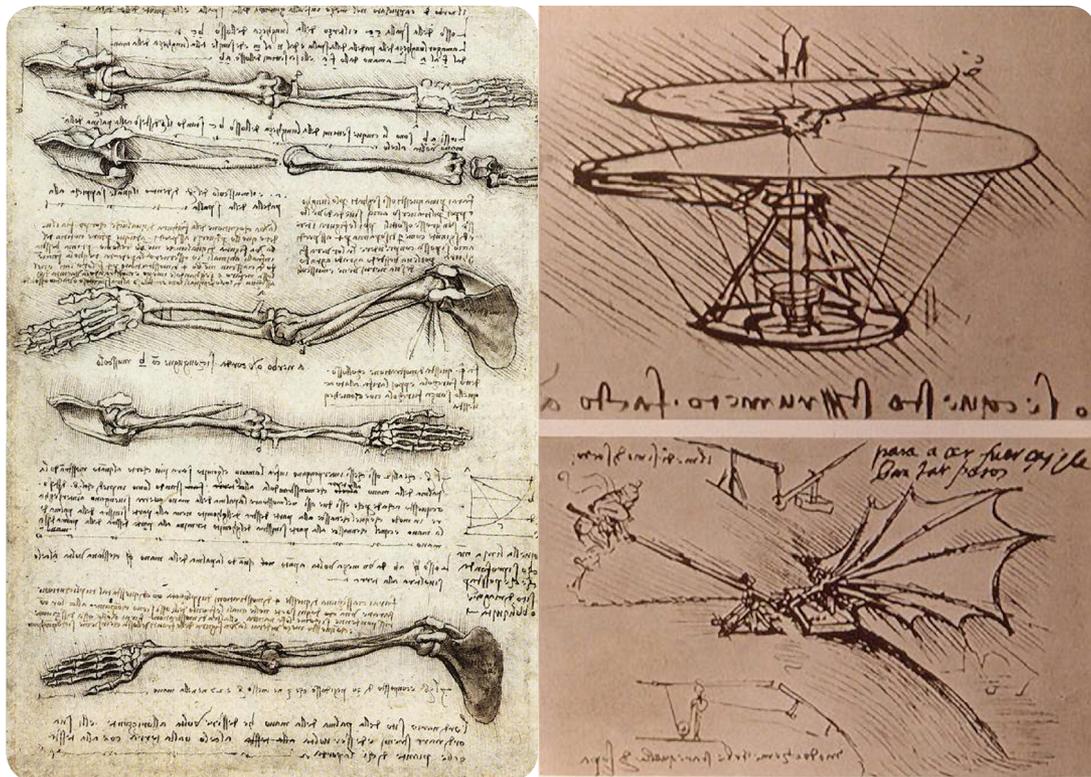
De início, procurei encontrar os princípios, ou causas primeiras, de tudo quanto existe, ou pode existir, no mundo, sem nada considerar, para tal efeito, senão Deus, que o criou, nem tirá-las de outra parte, salvo de certas sementes de verdades que existem naturalmente em nossas almas. Em seguida, examinei quais são os primeiros e os mais comuns efeitos que se podem deduzir dessas causas: e parece-me que, por aí, encontrei céus, astros, uma Terra, e também acerca da terra, água, ar, fogo, minerais e algumas outras dessas coisas que são as mais triviais de todas e as mais simples, e, conseqüentemente, as mais fáceis de conhecer. Depois, quando quis descer às que eram mais específicas, apresentaram-se-me tão variadas que não acreditei que fosse possível ao espírito humano distinguir as formas ou espécies de corpos que existem sobre a Terra, de uma infinidade de outras que poderiam nela existir, se fosse a vontade de Deus aí colocá-las, nem, por conseguinte, torná-las de nosso uso, a não ser que se busquem as causas a partir dos efeitos e que se recorra a muitas experiências específicas. Como conseqüência disso, repassando meu espírito sobre todos os objetos que alguma vez se ofereceram aos meus sentidos, atrevo-me a dizer que não observei nenhum que eu não pudesse explicar muito comodamente por meio dos princípios que encontrara (...). Afinal de contas, encontro-me agora num ponto em que me parece ver muito bem qual o meio a que se deve recorrer para realizar a maioria das que podem servir para esse efeito; mas vejo também que são tais e em tão grande número que nem as minhas mãos, nem a minha renda, ainda que eu possuísse mil vezes mais do que possuo, bastariam para todas; de maneira que, à medida que de agora em diante tiver a comodidade de realizá-las em maior ou menor número, avançarei mais ou menos no conhecimento da natureza. Fato que prometia a mim mesmo tornar conhecido, pelo tratado que escrevera, e mostrar tão claramente a utilidade que daí podia resultar para o público, que obrigaria a todos aqueles que desejam o bem dos homens, ou seja, todos aqueles que são em verdade virtuosos, e não apenas por hipocrisia, nem apenas por princípio, tanto a comunicar-me as que já tivessem realizado como a me ajudar na pesquisa das que ainda há por fazer.



A passagem do *Discurso do método* nos diz muitas coisas sobre o mundo moderno e sobre as pretensões específicas ao homem moderno:

1. O estabelecimento de um processo metódico de condução da investigação de todas as coisas.
2. A pretensão de que, seguindo o fio condutor do método, seria possível descobrir a verdade de todas as coisas, por mais complexas que elas possam parecer a princípio.

3. O privilégio da ciência e do conhecimento na estruturação de nossas existências e a constituição de um critério de verdade a partir da ciência, o critério de clareza e distinção.
4. A conclamação de todos os homens a participarem desse pioneiro projeto e a associação da virtude com tal participação. Bem, mas como isso se revela na arte moderna? Vejamos!



(Estudos realizados por Leonardo da Vinci sobre os ossos dos braços humanos – 1510 e Modelos de máquinas voadoras construídos por Da Vinci – 1510)

A princípio, é difícil ver os pontos de aproximação entre os estudos do corpo humano e os desenhos futuristas de Da Vinci, por um lado, e o texto cartesiano, por outro. De qualquer modo, porém, se atentarmos bem, eles são o resultado de um único e mesmo fenômeno. Por que um homem do século XVI, como Leonardo da Vinci, repentinamente começou a olhar mais detidamente para o corpo humano e a projetar máquinas estranhas como o protótipo acima de nossos helicópteros?

A resposta, por mais estranha que ela possa parecer, é: porque as pessoas pararam de olhar simplesmente para o céu e para a verdade bíblica e começaram a olhar para as coisas na terra, para a vida terrena. Dessa mudança de olhar, surge o interesse quase exclusivo pela razão humana e pelos seus potenciais, pelas descobertas científicas e pelo poder transformador de nossa racionalidade.

Bem, mas será que você consegue identificar os traços do pensamento racional no interior da arte do mundo moderno? Vamos aos nossos exercícios de explicitação!

Depois de ler atentamente os pequenos textos e de observar detidamente as imagens, assinale a resposta correta:

1.



Figura: Escola de Atenas – Rafael – 1509.

A pintura de Rafael, ícone da Modernidade, expressa a relação direta entre o Renascimento e o mundo clássico, na medida em que ele coloca em destaque todos os grandes pensadores do período áureo da filosofia grega: Heráclito, Platão, Aristóteles, entre tantos outros. A que se deve tal ligação?

Atividade
2

Atividade

2

- a. A ligação do Renascimento com o mundo grego está baseada na grande tendência dos gregos para a paixão e a festa.
- b. A pintura de Rafael segue a inspiração dos gregos, na medida em que se deixa tomar pela relação dos gregos com a natureza.
- c. A escola de Atenas funciona como o modelo para o mundo moderno, uma vez que ela nos fala sobre o poder da razão em sua busca por conhecimento.
- d. Rafael escolhe o tema sem nenhuma ligação específica com o mundo grego.

2.



A coroação de Napoleão, quadro do pintor neoclássico francês Jacques Louis David (1748-1825), impressiona pela absoluta sensação de ordem, apesar da grande quantidade de elementos. Por mais que haja muitas pessoas presentes, mulheres, soldados, membros da igreja, aristocratas, em momento nenhum parece que há algo fora do lugar, algo desordenado. Por que isso acontece?

- a. Porque o neoclassicismo, como um dos estilos mais caracteristicamente modernos, busca a perfeição formal, o controle absoluto dos elementos, como é tão característico do projeto racional moderno.

- b. Porque David era um pintor excepcional e demonstra isso pela perfeição quase fotográfica de sua pintura.
- c. Porque a desordem é ruim em toda e qualquer forma de arte. Assim, não há nada que torne o quadro especial nesse ponto.
- d. Porque David ainda estava ligado ao mundo medieval e à submissão do homem a Deus.

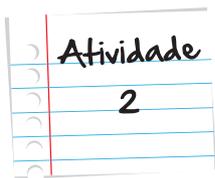


Hino à Razão – Poesia de Antero de Quental (poeta, filósofo e ensaísta português – 1842-1891).

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre só a ti submissa.
Por ti é que a poeira movediça
De astros, sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroísmo medra e viça.
Por ti, na arena trágica, as nações
buscam a liberdade entre clarões;
e os que olham o futuro e cismam, mudos
Por ti podem sofrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!



O poema de Antero de Quental não associa a razão apenas ao conhecimento da natureza e de suas leis, mas estende mesmo o campo da razão para o âmbito do amor, da justiça e da liberdade. Ao mesmo tempo, ele nos fala de uma razão que se apresenta em todas as coisas e que reina sobre elas. Por que essa posição é característica do mundo moderno?



- a. Porque o mundo moderno elogia sempre muito mais o sentimento do que a razão.
- b. Porque a crença na razão e na necessidade de se buscar a razão de todas as coisas é um elemento central de todos os esforços modernos em geral.
- c. Porque o mundo moderno vê a razão como conduzida pela paixão.
- d. Porque a razão não desempenha nenhum papel relevante no mundo moderno.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 3

A crise da razão e suas repercussões sobre a arte e o tempo: arte, revolução e liberdade

Mesmo no interior da modernidade sempre houve vozes dissonantes tanto quanto movimentos de resistência que desde o princípio se colocaram em confrontação constante com o predomínio da razão. Essas vozes e movimentos, porém, permaneceram, a princípio, periféricas, sem uma real possibilidade de interferência no modo de ser do todo. Essa situação altera-se radicalmente a partir da segunda metade do século XIX, momento em que uma série de movimentos revolucionários vão lentamente determinando a face propriamente dita de um novo tempo.

Começemos com um quadro de um pintor e poeta inglês muito importante, chamado William Blake. O quadro carrega o nome de um dos ícones da ciência moderna: Isaac Newton.

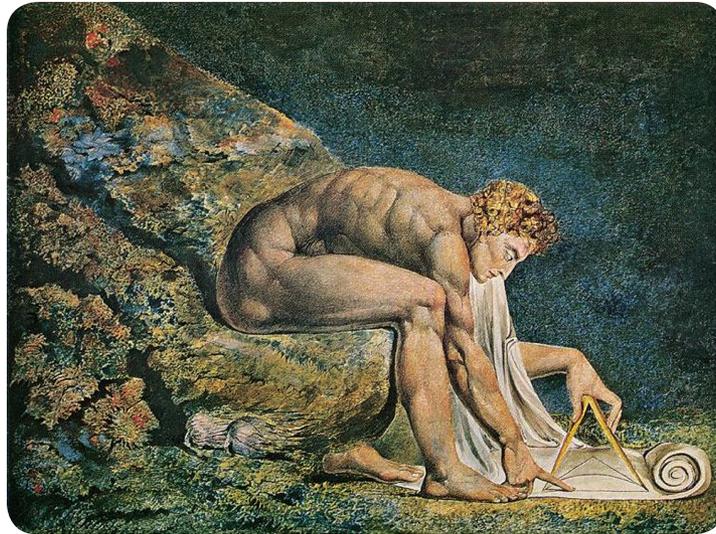


Figura: William Blake 1757-1827 – Newton.

O quadro de William Blake é bem elucidativo para que possamos entender o significado propriamente dito da noção de crise da razão. O que vemos no quadro? Isaac Newton, um dos principais representantes do pensamento científico moderno e de seu anseio por desvendar todos os mistérios da natureza, sentado nu sobre uma rocha com o corpo todo curvado. Sua atenção concentrada sobre a pequena parte da túnica branca que assume em sua ponta a forma de uma coluna grega, alusão direta à arte clássica, está em uma oposição direta à riqueza de elementos da pedra e à noite escura que parece dominar todo o resto da cena.

O que o quadro está nos dizendo? Que o corpo musculoso e forte de Newton, que sua razão matemática e suas figuras geométricas estão restritos a uma pequena parte da realidade e que o mundo é muito mais complexo do que Newton e a razão moderna podem mesmo imaginar.

Esse quadro, caracteristicamente romântico, procura contrapor a imaginação à razão, a imensidão do universo à pretensão de controle total por parte da ciência, abrindo o espaço para que o homem perceba o caráter arrogante e inútil de suas tentativas de domínio absoluto sobre a natureza. O que começa a vir à tona aqui, portanto, é a crise da razão, crise essa que vai dominar todo o espaço do mundo contemporâneo. Bem, mas como entender a relação entre crise da razão e liberdade?

“Só o que me exalta ainda é a única palavra, liberdade. Eu a considero apropriada para manter, indefinidamente, o velho fanatismo humano. Atende, sem dúvida, à minha única aspiração legítima. Entre tantos infortúnios por nós herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida. Devemos cuidar de não fazer mau uso dela. Reduzir a imaginação à servidão, fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça. Só a imaginação me dá contas do que pode ser, e é bastante para suspender por um instante a interdição terrível; é bastante também para que eu me entregue a ela, sem receio

de me enganar (como se fosse possível enganar-se mais ainda). Onde começa ela a ficar nociva, e onde se detém a confiança do espírito? Para o espírito, a possibilidade de errar não é, antes, a contingência do bem?”

Essa é uma passagem do *Manifesto surrealista*, texto escrito por André Breton em 1924. No texto, vemos claramente o grito de liberdade que vai acompanhar todos os movimentos de vanguarda em geral e que dão mesmo o tom de nosso tempo. Ora, mas de que liberdade o texto está nos falando? Da liberdade em relação aos padrões estéticos, ao belo, ao pensamento ordenado, à pretensão de domínio sobre a natureza, à avidez por conquistas, ao sem sentido da vida burguesa e do modo de realização da sociedade capitalista, voltada incessantemente para o acúmulo de capital e para a transformação do trabalho em mero meio de aquisição monetária.

Em contraposição a tudo isso, Breton prega a imensidão sem limite da imaginação humana, a riqueza da vida para além de todas as pretensões de um pensamento calculador, o poder transformador do erro e da entrega destemida ao desconhecido. Desse elogio surge o estilo, surge o campo de luta da existência contemporânea, com seus desafios e dilemas. Será que você é capaz de reconhecer essa situação nos exemplos a seguir?

Atividade
3

Interprete a imagem a partir das expressões “crise da razão” e “liberdade”:



Figura: Van Gogh – Noite estrelada – 1889.

Veja o céu de Van Gogh e perceba como a luz das estrelas aponta para um fundo escuro, imenso, cheio de mistério. Depois disso, descreva a cena a partir da tensão entre razão e imaginação.

Faça um trabalho de pesquisa sobre o movimento dadaísta na arte. Depois leia o texto abaixo e escreva um pequeno comentário a partir das observações feitas em seguida ao texto:



Dadá é uma nova tendência da arte. Percebe-se que o é porque, sendo até agora desconhecido, amanhã toda a Zurique vai falar dele. **Dadá** vem do dicionário. É bestialmente simples. Em francês quer dizer 'cavalo de pau'. Em alemão: 'Não me chateies, faz favor, adeus, até à próxima!' Em romeno: 'Certamente, claro, tem toda a razão, assim é. Sim, senhor, realmente. Já tratamos disso'. E assim por diante. Uma palavra internacional. Apenas uma palavra e uma palavra como movimento. É simplesmente bestial. Ao fazer dela uma tendência da arte, é claro que vamos arranjar complicações. Psicologia **Dadá**, literatura **Dadá**, burguesia **Dadá** e vós, excelentíssimo poeta, que sempre poetastes com palavras, mas nunca a palavra propriamente dita (...). Como conquistar a eterna bem-aventurança? Dizendo **Dadá**. Como ser célebre? Dizendo **Dadá**. Com nobre gesto e maneiras finas. Até à loucura, até perder a consciência. Como desfazer-nos de tudo o que é engraçado e dia-a-dia, de tudo o que é simpático e linfático, de tudo o que é moralizado, animalizado, enfeitado? Dizendo **Dadá**. **Dadá** é a alma-do-mundo, **Dadá** é o Coiso, **Dadá** é o melhor sabão-de-leite-de-lírio do mundo.



(trecho do primeiro *Manifesto dadaísta*, escrito em 1916 por Hugo Ball).

O manifesto Dadá é uma tentativa da arte contemporânea de lutar contra a onipotência do sentido, contra a nossa obsessão por coerência, por identidade. É um elogio lúcido ao absurdo e ao caráter revolucionário do absurdo. Nesse sentido, a arte dadaísta procura dar voz à situação do mundo contemporâneo com suas guerras, com suas destruições, com seus avanços tecnológicos brutais e com a dificuldade cada vez maior de entendimento entre os homens. Até que ponto elementos do movimento dadaísta estão presentes em fenômenos como o Rock e como o movimento punk?



Síntese geral

Tivemos a oportunidade de acompanhar nesta aula a relação entre arte e espírito de época. Vejamos agora resumidamente como essa relação foi tratada aqui!

1. Nós mostramos inicialmente como as épocas são marcadas por determinações específicas e como essas determinações se confundem com o espírito da época.
2. Em seguida, trabalhamos o conceito de expressão, a fim de descrever em que medida tudo é expressão de uma época, mas a arte é uma expressão mais audível do tempo.
3. Em um terceiro momento, vimos a relação entre a arte moderna e o projeto de autonomia da razão, de controle racional da natureza.
4. Por fim, tomamos contato com o problema da crise da razão e com a liberdade que surgiu exatamente dessa crise.
5. Vamos em frente!

Veja ainda:

Como esta Unidade 6 tratou da relação entre arte e espírito de época, nada mais justo do que escolher algumas obras que concretizam de maneira evidente essa relação. Aqui seguem uma vez mais algumas dicas de leitura e de cinema. Não perca a oportunidade de ir além:

- Rubem Fonseca, *O cobrador*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- Mario Pedrosa, *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Filme: *Era uma vez na América*. Com Robert De Niro e James Woods, direção de Sérgio Leone, 1984.
- Filme: *Central do Brasil*. Com Fernanda Montenegro. Direção de Walter Sales, 1998.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Eugène_Delacroix_-_La_liberté_guidant_le_peuple.jpg).



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Capoeira-in-the-street-2.jpg>.



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Desfile_060.jpg.



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ataide-teto.jpg>.



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Meirelles-primeiramissa2.jpg>.



• <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/f/fc/LeilaDiniz.jpg>.



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Studies_of_the_Arm_showing_the_Movements_made_by_the_Biceps.jpg/.



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Leonardo_da_Vinci_helicopter_and_lifting_wing.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rafael_-_Escola_de_Atenas.jpg.



• http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Jacques-Louis_David_006.jpg.



• <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Newton-WilliamBlake.jpg>.



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:VanGogh-starry_night.jpg.



• <http://www.palmares.gov.br/2011/03/a-cor-da-maior-festa-popular-do-brasil/entrudo/> Autor: Pedro França.



• <http://www.sxc.hu/photo/517386> • David Hartman.



Atividade 1

A música de Renato Russo critica a cultura massificada que se propagou na televisão e na sociedade brasileira desde a década de 1960. Acostumados com os ditos “enlatados” americanos, fomos nos tornando menos críticos e mais comerciais. O lixo de todas as espécies foi sendo empurrado para uma geração algo perdida. Dessa geração, porém, é o que o texto nos diz, surgirá a reação a tudo isso. A letra é expressão das tensões da sociedade brasileira da década de 1980.

O quadro de Vitor Meirelles mostra uma clara idealização da relação entre os portugueses e os índios. A identidade cultural dos índios não é respeitada, uma vez que eles se encontram imediatamente reunidos em torno de uma cruz cristã e participam da missa. Há, ao mesmo tempo, traços europeus nos rostos dos índios, que são todos representados com corpos torneados e sem características mais comuns dos índios brasileiros. Por fim, não há nenhum nu explícito, porque a perspectiva do quadro é a do homem branco, europeu, que tem dificuldades de lidar com a nudez.

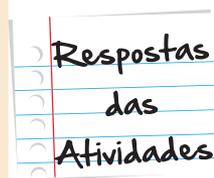
A imagem da mulher que nasce do trecho da letra de Vinícius de Moraes para a música “Samba da benção” é a de uma mulher submissa, que tem de sofrer e perdoar todas as infidelidades de seu amor. Essa imagem é incompatível com a mulher contemporânea, que conquistou um lugar de destaque na sociedade brasileira e que já se coloca em pé de igualdade com os homens em geral.

Atividade 2

- c. (Atenas é o modelo do pensamento racional. Por isso, o uso do tema por Rafael); a (Perfeição formal e controle absoluto dos elementos é um traço central do racionalismo moderno); b (Nada mais natural para o mundo contemporâneo do que o elogio da razão acima de tudo).

Atividade 3

O movimento dadaísta é um movimento de contestação da ideia de que tudo o que nos é empurrado pelo mundo prático faz sentido. Ao elogiar o absurdo e o sem sentido, ele abre as portas para um grito de libertação que pode ser ouvido ao mesmo tempo em movimentos contemporâneos como o rock e o punk. O que o rock busca, a princípio, é criar um novo estilo de vida para além da condução meramente regrada da vida. Não há como não olhar para um astro de rock mais antigo e para um punk sem sentir certo desconforto de que tudo o que é revolucionário sempre traz consigo.



O que perguntam por aí?

ENEM 2008! Questão 38:



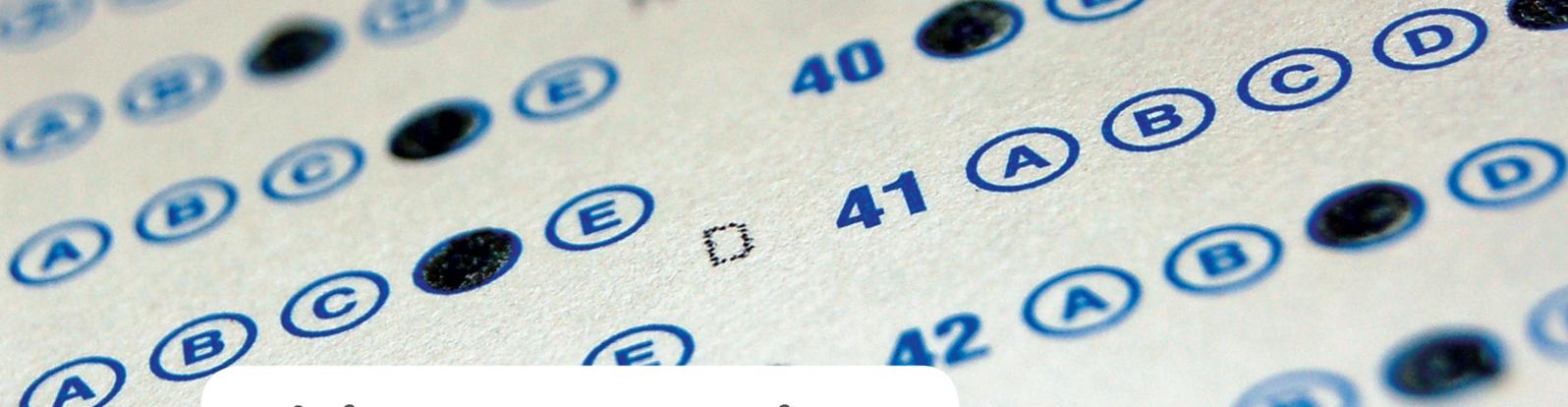
Na obra *Entrudo*, de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), apresentada acima:

- registram-se cenas da vida íntima dos senhores de engenho e suas relações com os escravos.
- identifica-se a presença de traços marcantes do movimento artístico denominado Cubismo.
- identificam-se, nas fisionomias, sentimentos de angústia e inquietações que revelam as relações conflituosas entre senhores e escravos.
- observa-se a composição harmoniosa e destacam-se as imagens que representam figuras humanas.

e. constata-se que o artista utilizava a técnica do óleo sobre tela, com pinceladas breves e manchas, sem delinear as figuras ou as fisionomias.

A resposta correta é a d, pois Debret não retrata os escravos em tensão, mas, ao contrário, os apresenta em seu dia a dia, em sua convivência direta uns com os outros.





Atividade extra

Questão 1

Por meio de uma obra de arte temos a chance de encontrar o mundo aonde a mesma foi realizada. Isso acontece porque é o mundo mesmo da obra que torna possível a atividade artística, uma vez que é sempre esse mundo que fala através das muitas vozes dessa obra.

Baseados nesta afirmação podemos dizer que a obra de arte é:

- a. Sempre uma expressão do seu tempo.
- b. A chave para a compreensão do artista.
- c. Uma forma de compreender a própria Filosofia.
- d. A expressão humana do artista.

Questão 2

A vida é constituída de uma pluralidade de elementos. É difícil que uma descrição de algo possa dar conta da multiplicidade das faces existentes no objeto descrito. Se este objeto é o Brasil, por exemplo, descrevê-lo como um país tropical, onde há samba e futebol e muitos impostos, não é falar do Brasil como um todo.

Apesar de podermos entender a vida como esta multiplicidade, se olharmos para um época específica poderemos entendê-la também como uma unidade porque:

- a. A vida se manifesta em cada época revelando seus elementos.
- b. Os elementos da vida apresentam a mesma característica.
- c. Há uma conexão entre as muitas manifestações de uma época.
- d. A forma de ver a vida unifica todos os elementos de uma época.

Questão 3

A sociedade com seus valores, suas crenças e tecnologias é o ambiente onde estamos imersos. Tudo o que realizamos é, de algum modo, a expressão desta sociedade, deste tempo. Literatura, trabalho e arte expressam o tempo/lugar onde foram concebidos. Leia o trecho da poesia de Antero de Quental e responda a questão a seguir:

Dentro do homem existe um Deus desconhecido, não sei qual, mas existe—dizia Sócrates soletrando com os olhos da razão, à luz serena do céu da Grécia, o problema do destino humano. E Cristo com os olhos de fé lia no horizonte anuviado das visões do profeta esta outra palavra de consolação—dentro do homem está o reino dos céus. Profundo, altíssimo, acordo de dois gênios tão distantes pela pátria, pela raça, pela tradição, por todos os abismos que uma fatalidade misteriosa cavou entre os irmãos infelizes, violentamente separados, d'uma mesma família! Dos dois polos extremos da história antiga através dos mares insondáveis, através dos tempos tenebrosos, o gênio luminoso e humano das raças índicas e o gênio sombrio, mas profundo, dos povos semíticos, se enviam como primeiro mas, firme penhor da futura unidade, esta saudação fraternal, palavra de vida que o mundo esperava na angustia do seu caos—o homem é um Deus que se ignora.

(A Bíblia da Humanidade, Quental, A.)

De que forma podemos afirmar (ou negar) que este poema expressa o espírito de seu tempo (1895)?

Questão 4

O poeta Antero de Quental afirma que há um acordo entre Sócrates, filósofo grego que viveu no século V a.C. e Jesus Cristo. São “dois gênios tão distantes pela pátria, pela raça, pela tradição” que concordam que o “o homem é um Deus que se ignora”.

De que forma esta afirmação está de acordo (ou desacordo) com o quadro ISAAC NEWTON do pintor e poeta inglês William Blake (unidade 6 pag. 15).

Questão 5

O **Neoclassicismo** foi um movimento cultural nascido na Europa em meados do século XVIII, que teve larga influência na arte e cultura de todo o ocidente até meados do século XIX. Teve como base os ideais do Iluminismo e um renovado interesse pela cultura da Antiguidade clássica, advogando os princípios da moderação, equilíbrio e idealismo.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neoclassicismo>)

Pode-se afirmar que o neoclassicismo, sendo um dos estilos mais caracteristicamente modernos, busca:

- a. A perfeição formal e o controle absoluto dos elementos.
- b. Reproduzir com a máxima perfeição, as pinturas da Antiguidade.
- c. Apresentar os ideias iluministas em todas as suas obras.
- d. A perfeita harmonia entre a sua arte e a da Antiguidade clássica.

Gabarito

Questão 1

- A** **B** **C** **D**

Questão 2

- A** **B** **C** **D**

Questão 3

Resposta pessoal que deve estar fundamentada na seção 3: "A crise da razão e suas repercussões sobre a arte e o tempo: arte, revolução e liberdade". Verifique e peça ao seu professor uma orientação.

Questão 4

Resposta pessoal, mas que deve considerar a postura estética de Nietzsche que critica tanto a estética objetivista clássica quanto a estética subjetivista de Kant.

Questão 5

- A** **B** **C** **D**